

3.1.3 Novos conceitos

Recentemente, a partir da década de 80 do último século, um novo conceito começou a ser implantado, embora até agora não exista um denominador comum, como já é fato no caso dos Centros Culturais: um dos primeiros foi o **ZKM**, Zentrum für Kunst und Medientechnologie (Centro para a Arte e para a Tecnologia das Mídias), em Karlsruhe, Alemanha.

Conforme o site do ZKM (<<http://on1.zkm.de>>), a ideia inicial surgiu na cidade de Karlsruhe em 1980, pensando-se inicialmente em implantar um centro de artes midiáticas. O site descreve o processo (2009):

Por volta de 1986, um grupo de projeto havia sido organizado, consistindo de políticos locais e representantes da universidade, da Academia Estadual de Música, do Centro de Pesquisa Nuclear e outras instituições em Karlsruhe. No “Conceito 88”, eles descreveram sua visão de conjugar arte e a nova mídia em teoria e prática.

Posteriormente, foi instituída em 1989 pelo governo estadual (província de Baden-Wurtemberg) uma fundação pública para desenvolver e administrar o Centro de Arte e Mídia. A intenção original de instalar o Centro em um novo prédio, projeto do renomado arquiteto holandês Rem Koolhaas, foi descartada em função do seu alto custo. A opção foi implantá-lo em um monumento histórico, o vasto edifício de uma antiga fábrica de munições desativada. E o mesmo site descreve (2009):

Os arquitetos Schweger & Partner desenvolveram o planejamento, a reconstrução e a renovação, convertendo a estrutura de estática e dominante monumentalidade em um edifício idealmente

concebido para apresentar tecnologias avançadas e experimentos artísticos.

Inaugurado em 1997, cenário de uma programação avançada desde então, que associa tecnologia de ponta com a experimentação em variados campos da Arte, o ZKM foi uma das referências, segundo o site do **EMPAC** indica literalmente, para a criação do **Experimental Media and Performing Arts Center**, planejado, construído e administrado por uma instituição universitária, o **Rensselaer Polytechnic Institute**, na pequena cidade de Troy, estado de Nova Iorque.

Ambos os empreendimentos desenham um conceito, desenvolvido inicialmente pelo projeto da Alemanha, que rompe finalmente os limites entre a Arte e a T.I. (Tecnologia da Informação). E representa uma proposta que vai além dos espaços convencionais. Não é mais o espaço físico que é o cenário para a cultura e para o lazer, é o espaço virtual. Curiosamente, foi necessário criar um conceito de um espaço físico para que a arte encontre a tecnologia das mídias, paradoxo entre passado e presente, mas as experiências e vivências serão exercidas agora no horizonte ilimitado do mundo virtual. Como já acontece hoje graças à internet e à capacidade operacional cada vez maior dos computadores e dos sistemas digitais e de comunicação.

O lazer, além de ser uma vivência no espaço físico, passou a ser uma experiência também no campo do espaço virtual. Que havia se iniciado décadas atrás, com os videogames, e que agora parece não ter limites com o novo universo digital.

Imenso desafio, talvez ainda não entendido ou bem compreendido pelos profissionais da área do lazer, habituados a animar atividades recreativas em espaços físicos, em

quadras esportivas, em praças e ruas, em piscinas e em parques.

O universo virtual já é um imenso “centro cultural”, com informações de todo gênero e produções artísticas circulando de computador para computador, de pessoas para pessoas, entre *sites*, *blogs* e e-mails, transmitidas em fotos e em vídeos. No *blog* do jornalista Ricardo Noblat, no portal do Jornal O Globo, uma colaboradora (Maria Helena Rubinato de Souza) insere fotos de obras de arte e de monumentos históricos internacionais com comentários ilustrativos, organizando literalmente uma exposição dinâmica acrescida de informações pertinentes sobre o material apresentado. Cabe indagar: estariam os profissionais do lazer preparados para entender e trabalhar neste novo quadro que se vai formando com o impressionante avanço da Tecnologia da Informação e os com meios digitais progressivamente mais potentes e mais disseminados?

Os projetos citados – **ZKM** e **EMPAC** Rensselaer no exterior, Museus da Língua Portuguesa e do Futebol, no Brasil, buscam antecipar ou pelo menos responder a essa tendência. Se não houver uma total inquietação dos profissionais e das organizações da área, os espaços de lazer, com exceção dos que permitem a prática desportiva e/ou recreativa – quadras, piscinas, etc. – e os espaços naturais, ficarão obsoletos e se tornarão desinteressantes, ressaltando-se os macro-equipamentos que dispõem de maiores recursos.

O segmento dos museus assume a iniciativa de propor novos conceitos, ou de redefinir antigos conceitos, como ilustra a matéria do jornal O Estado de São Paulo, intitulada “Museus se renovam e apostam em tecnologia” (2009):

Oferecer um bom acervo não é mais garantia para um museu manter suas portas abertas. Ele tem de ser bom

também em interatividade, entretenimento e conforto, pelo menos se idéia for alcançar um resultado parecido com o do Museu da Língua Portuguesa, no centro de São Paulo, que diariamente recebe em média 1.500 visitantes, se transformando em recordista de público no segmento. Essa fórmula, que se repete nos grandes museus internacionais, tem servido de base para novos projetos, caso do Museu do Futebol, inaugurado no fim do ano passado, já em segundo lugar em público na capital paulista. Antigos projetos, agora remodelados, também seguem o mesmo rasto. Ontem, por exemplo, o Instituto Butantã inaugurou o Centro de Difusão Científica, um anexo com duas salas de exposições, cafeteria, livraria e um cinema 3D.

A alternativa é evidente: pensar, estudar, propor, desenhar e implantar novos conceitos de equipamentos de lazer, utilizando ao máximo os recursos digitais da Tecnologia da Informação, incorporando a arte e a ludicidade às plataformas de hardware e de software do universo virtual. O Centro Cultural do futuro, ou melhor, do presente, é a combinação do espaço real e concreto com o espaço virtual, mediado por uma das mais fortes e permanentes características do ser humano, o eterno espaço da imaginação.

3.2 Classificação

Tanto no campo profissional, nas preocupações com a prática, quanto na área acadêmica, na preocupação com as pesquisas e as análises, a proposição e a discussão sobre os tipos de equipamentos são necessárias para entender as possíveis interações entre o público e cada espaço organizado para receber programações de lazer.

Assim, a partir de alguns estudos sobre o tema, pode ser reelaborada e revista uma classificação dos equipamentos de lazer, que amplie aquela apresentada por Renato Requiza

94

(1980, p. 76-83), com base na experiência de planejamento, transcritas a seguir com acréscimos e alterações, incluindo as propostas por Camargo (1978):

A - Por finalidade

A1 - Equipamentos não específicos

Muitos espaços são utilizados em atividades de lazer sem terem sido propositalmente planejados, desenhados e construídos para tanto. Vimos anteriormente que, seguindo os conceitos de cultura, qualquer ambiente pode ser um centro cultural, pois nele ocorrem a produção e a fruição de bens e serviços culturais de uma sociedade. O lazer, como o turismo, tem essa qualidade muito interessante: pode usar ambientes destinados a outras finalidades.

a) A casa

O principal equipamento de lazer, que não se insere no conceito acima, ainda é a casa, o local de residência. Conforme afirma CAMARGO, "o principal equipamento de lazer é o espaço doméstico, incluindo a vizinhança" (1989:61). Casa onde se assiste aos programas de televisão, se escuta o rádio, se ouve música, se usa o vídeo, se organizam reuniões com amigos e familiares, se joga e se brinca.

Além da jardinagem, da bricolagem doméstica, e dos incontáveis *hobbies* e passatempos, como por exemplo a montagem de modelos de aviões e automóveis em escala reduzida, e os videogames, cuja utilização está em pleno processo de expansão. Todas essas atividades são exercidas essencialmente ou principalmente na residência.

b) O bar e o café

Os bares e os cafés tradicionais são pontos de encontro, de convivência e de entretenimento. Há muito transcenderam suas funções originais, de oferecer bebidas e alimentos, e assumiram funções de lazer, de espaços de convívio, para todas as classes sociais.

c) As praças e as ruas

As ruas e as praças são também espaços apropriados para o lazer. O passeio pela cidade sempre foi uma das principais atividades de lazer do ser humano. Assim como "ir às compras". Além disso, nelas podem ser desenvolvidas inúmeras atividades não somente nas praças, espaços abertos e amplos, como também nas ruas, desde que evidentemente bloqueado o trânsito de veículos.

Entretanto, mesmo com a circulação normal, suas calçadas podem ser utilizados para jogos, para colocação de mesas de bares, restaurantes e cafés, para encontro e convivência.

Nas grandes cidades atuais, esta é uma função que está se perdendo, por outras circunstâncias. Isso ajuda a explicar o sucesso dos shoppings centers. Suas estruturas internas reproduzem o contexto urbano - ruas com lojas, praças com bares, quiosques e lanchonetes, pontos de encontro.

d) As escolas

Muitos dos tipos de espaços destinados às finalidades educacionais prestam-se ao desenvolvimento de programas de lazer. Muitas de suas áreas já são destinadas especificamente a programas de lazer e/ou recreação - instalações esportivas, por exemplo. Outras, como os auditórios, são adequadas para a realização de muitos programas. Sua utilização pela

96
comunidade é condicionada evidentemente por variáveis políticas e sociais, porém já existem experiências de planejamento (os parques-escolas canadenses, por exemplo) orientadas para uma dupla finalidade do equipamento escolar - educação e lazer -, estreitamente relacionados. Os Centros Educacionais Unificados (CEUs), implantados pela Prefeitura Municipal de São Paulo na primeira metade da década, constituem um aproveitamento eficaz dessas possibilidades, acrescentando-se instalações para atividades artísticas, esportivas e associativas aos ambientes escolares.

A2 - Equipamentos específicos

Já outros espaços foram pensados, desenhados, construídos ou arrançados para receber atividades de lazer. Foram implantados, equipados e são administrados com essa finalidade.

a) Comerciais

Existe um forte segmento econômico que se ocupa principalmente com o entretenimento dos indivíduos. Essa classificação abrange: os cinemas; os teatros; as salas de espetáculos; os clubes noturnos e os locais de dança, como danceterias, discotecas e boates; os parques temáticos; os parques de diversão; as academias de ginástica e dança; os centros esportivos explorados comercialmente; os circos.

Na cidade, estão implantados geralmente nas regiões de concentração comercial, inclusive nos shoppings centers, associando-se aos demais estabelecimentos em sua função de atender à população, funcionando dentro dos critérios próprios à economia de mercado.

b) Não-comerciais

São equipamentos que se destinam ao atendimento à comunidade, entretanto sem finalidades lucrativas. Podem ser públicos ou privados, quanto à sua constituição jurídica. Esta classificação compreende os clubes e associações; os teatros (quando não explorados comercialmente); os centros culturais; os centros esportivos, mantidos por associações de classe, entidades e poderes públicos (prefeituras municipais, etc); colônias de férias; parques e jardins urbanos; grandes parques - regionais, estaduais e nacionais.

E nunca se deve esquecer as praças. São pontos de referência em praticamente todas as cidades do mundo, algumas conhecidas universalmente, como as de Roma (Piazza Navona, etc.). São locais destinados a funções de lazer, desde os primórdios do processo de urbanização. mas são esquecidas, no Brasil de hoje, por muitos planejadores urbanos e administradores públicos. E na prática, muitas comunidades não sabem aproveitar as potencialidades de uso que esses espaços oferecem.

Observação: nessa metodologia de classificação, em muitos casos a diferenciação é feita pela finalidade segundo a qual o equipamento foi implantado e é administrado, se comercialmente ou não. Por exemplo, conjuntos esportivos podem pertencer a: clubes; associações; prefeituras municipais; órgãos estaduais; clubes de funcionários de empresas; empregados sindicalizados; entidades diversas. Ou então podem ser explorados com finalidades lucrativas, como qualquer outro empreendimento comercial ou de serviços. Neste último caso, observa-se a proliferação crescente de academias e centros esportivos, cujos projetos têm igualmente evoluído, sofisticando-se a sua oferta.

B - Por proposta programática

Com um direcionamento direto e objetivo, são aqueles espaços pensados e construídos com uma destinação melhor definida, a qual já delimita previamente quais serão as atividades que nele vão ser oferecidas e como será o seu uso pelos frequentadores, que interesses deverão atender, quais tipos de público deverão atrair. O espaço é pensado, planejado, desenhado e construído segundo os conteúdos culturais que nele serão oferecidos, apresentados e frequentados.

B1 - Culturais

Teatros; Cinemas; Centros Culturais; Salas de Espetáculos; Auditórios; Oficinas Culturais (artes visuais, artes cênicas); *Performing Art Centers* (muito comuns na América no Norte, e gradualmente se disseminando pelo mundo).

B2 - Sociais e associativos

Centros Sociais; Clubes; Danceterias e Discotecas; Salas e Salões de dança, etc.

B3 - Esportivos

Centros Esportivos; Centros Esportivos Especializados; Parques Aquáticos; Ginásios de Esporte; Estádios Esportivos; Pavilhões de Esportes; Clubes Esportivos; Arenas Esportivas; etc.

B4 - De expressão física e atlética

Academias de Ginástica e Dança; Centros para ginástica; Academias de Expressão Física (yoga, etc.).

B5 - Recreativos

Play-grounds e Parques Infantis; Áreas de jogos ao ar livre; Salas e Salões para Jogos; Clubes Recreativos; Parques de Entretenimento; Parques Temáticos; Parques de Diversões; Parques Aquáticos Recreativos; Praças urbanas; Parques Urbanos; etc.

B6 - De Turismo

Hotéis; Motéis; *Campings*; *Resorts*; *Eco-resorts* ou *Eco-lodges*; Hotéis Fazenda; Pousadas; Colônias de Férias; Balneários; Marinas, Garagens Náuticas e assemelhados; grandes Parques - Regionais, Estaduais ou Nacionais; Parques Temáticos; etc.

Seguindo a linha adotada para analisar e discutir o espaço de lazer, a primeira das denominações por proposta programática, "culturais", pode ser substituída pela expressão "artísticas", exatamente pelo tipo de conteúdo que fundamenta o seu planejamento e construção, as atividades de representação, de prática e de aprendizagem das diferentes modalidades das artes em geral. Neste caso, "centros culturais" são aqueles equipamentos construídos com essa função específica, servindo os seus espaços para essas formas de atividades relacionadas diretamente com as artes.

Pode-se sugerir também mais um item, "Intelectuais", para aqueles ambientes como bibliotecas e centros de convenções.

C - Por critérios de composição, uso e sazonalidade

Se os equipamentos são conjuntos de instalações, como já vimos, esses espaços são pensados em bloco, associados uns aos outros, e de preferência integrados uns aos outros.

100
Conforme sua composição, ou melhor, conforme o tipo de suas instalações associadas, temos vários tipos diferentes de equipamentos. E também temos tipos variados de equipamentos segundo as suas formas de uso, e os períodos para os quais foi prevista a sua utilização, durante os quais estarão abertos para a frequência dos usuários.

C1 - Micro-centros especializados

Caracterizam-se por: um rol de atividades ligadas a um interesse perfeitamente delimitado; situação locacional peculiar, em um bairro ou região urbana, ou para atender a um público perfeitamente delimitado; horários de atendimento distribuídos equilibradamente ao longo da semana. Com espaços de dimensões reduzidas, para atender a um público numericamente limitado, e com composição de instalações especializadas, direcionadas para um ou poucos interesses e finalidades. Ex: academias de ginástica, salões de jogos.

C2 - Centros-médios polivalentes

Caracterizam-se por: um rol diversificado de atividades, ligados a vários interesses; situação locacional destinada a atender uma ampla área, ou a um público numeroso, ou a uma cidade; horários de atendimento geralmente concentrados em determinados períodos. Ex.: clubes, centros culturais em geral, centros esportivos em geral.

C3 - Macro-centros polivalentes

Caracterizam-se por: um rol diversificado de atividades, ligadas a vários interesses diferenciados, geralmente concentrados na procura por recursos naturais, e, de modo geral, situados nas grandes regiões metropolitanas e na periferia dos centros urbanos, onde ainda existem espaços

disponíveis de grande dimensões; atendimento concentrado nos fins de semana. Ex: clubes de campo; grandes parques.

C4 - Centros de Turismo

Caracterizam-se por: um rol de atividades concentradas no interesse de ruptura com o ritmo e o estilo de vida cotidianos; localização em escala de atendimento regional e estadual, principalmente; atendimento concentrado nos fins-de-semana, feriados prolongados e nos períodos de férias.

Ex: hotéis; hotéis de lazer; colônias de férias; campings; parques temáticos.

D - Por critério de localização

Atualmente, não são realizados grandes empreendimentos, em qualquer área de atividade, sem estudos locacionais. Da localização do equipamento pode depender o seu sucesso ou o seu fracasso, seja quando privados e com finalidades lucrativas, seja quando são públicos ou sem fins de lucro, neste caso o insucesso sendo medido pelo pouco interesse ou pela pouca atração de público interessado nas atividades que neles são oferecidas. Como a cidade é o fator demográfico determinante, é relativamente ao meio urbano que pensamos sua localização.

D1 - Urbanos

Localizados nas regiões urbanas, atendendo principalmente os moradores de suas vizinhanças, ou de acordo com os sistemas de transporte coletivo ou comunitário próximos.

D2 - Peri-urbanos

Localizados nos limites do perímetro urbano, atendendo principalmente a grandes regiões da cidade, ou, as vezes, à

102
população de várias cidades, conforme as vias de transporte e as possibilidades de comunicação. Ex: os Parques - Naturais, Ecológicos, Temáticos, as Áreas de Conservação.

D3 - Regionais - Turísticos

Localizados em regiões bem servidas por sistemas de transporte, como por exemplo cruzamento de várias auto-estradas, de forma a atender parte de um estado, ou até mesmo a todo um estado ou vários estados; como também para utilizar as características geográfico-naturais de uma região - praias, montanhas, rios, lagos; e para atender aos interesses turísticos, de viagem e conhecimento de outros ambientes, outras paisagens e outras culturas. Ex: Parques Regionais e Estaduais, Parques Nacionais, Parques Temáticos, *Campings*, Colônias ou Centros de Férias, Estações de Esqui, Hotéis Fazenda, etc.

Podem ser especialmente planejados e construídos para se transformarem em atrações, quando a região não é especialmente contemplada por atrativos naturais, como no caso o já clássico exemplo do complexo dos empreendimentos do grupo Disney na Flórida.

3.3 Outra Classificação – Os Equipamentos (ou Instalações) Culturais

Utiliza-se frequentemente a expressão Equipamentos Culturais, ou Instalações Culturais. Em inglês é muito corrente o termo Cultural Facilities, e em francês a expressão Equipement Culturel. No Canadá é empregado o termo Infraestrutura Cultural. Apresenta-se a seguir conceitos e uma classificações segundo essas terminologias.

Segundo o Portal Cultural da Europa, administrado pela Comissão Europeia da Cultura (2008),

...instalações culturais são locais para a criação, a produção e a disseminação da cultura e incluem não somente edifícios e lugares culturais mas também tecnologias digitais facilitando a gestão, a operação e a acessibilidade da cultura.

O programa canadense Creative City (cidade criativa) elaborou uma interpretação própria da expressão “infraestruturas culturais” (In *Nouvelles des villes créatives*, edição especial nº 5, 2008, p. 01):

Pode-se definir infraestruturas culturais em tanto que espaços e bens físicos – que eles sejam utilizados todo o tempo ou episodicamente, que eles tenham uma função única ou que eles sejam multifuncionais, de feitura contemporânea ou histórica – concebidos na intenção de atividades e de produtos culturais, e aptos a fazer face e a responder às necessidades particulares ligadas às atividades culturais e às indústrias culturais.

O mesmo documento completa (2008, p. 01):

As infraestruturas culturais (que se tratem de espaços construídos ou de ambientes) podem ser concebidas com uma finalidade precisa, ser multifuncionais ou adaptadas na previsão de uma reutilização. Isso comporta elementos altamente visíveis e outros que o são menos, notadamente os espaços dedicados às interações sociais assim como aqueles tendo uma vocação de apoio “em bastidores”. Esses ambientes podem servir à criação artística, ao depósito e à proteção de artefatos ou, para ensaios, para performances e para exposições artísticas ou do patrimônio. É o caso notadamente dos centros de arte de interpretação, das galerias de arte ou dos museus.

104
O número especial daquele programa canadense apresenta ainda uma bem explicada classificação desses espaços, traduzida e transcrita como segue (2008, p. 01-02):

Espaços construídos com uma finalidade precisa – Emblematicamente, eles são concebidos e construídos para uma ou muitas funções específicas. Uma sala de teatro, por exemplo, pode ser concebida segundo diversas configurações apropriadas à apresentação de peças teatrais, notadamente com um proscênio prolongado ou em forma de arco, com ou sem urdimentos, etc. Esse espaço pode igualmente ter outras funções, notadamente a realização de leituras públicas, de concertos ou de espetáculos de dança, sem que ele tenha a princípio sido concebido com o objetivo de realçar essas apresentações.

Espaços multifuncionais – Eles são concebidos e construídos na intenção de uma multiplicidade de usuários e de usos no domínio artístico ou outro. Essa fórmula prejudica habitualmente certos usuários (seja por uma acústica, um ângulo de visão ou um número de lugares reduzido), ou exige uma concepção mais elaborada e investimentos em capitais mais importantes a fim de oferecer um maior rol de comodidades e uma flexibilidade ilimitada. Numerosos auditórios, por exemplo, foram assim concebidos para receber todas as formas de artes de interpretação assim como outras atividades.

Espaços adaptados e reutilizados – Eles foram concebidos e construídos para um único uso, mas foram adaptados na intenção de uma utilização artística e cultural nova ou diferente. Pensemos por exemplo nas escolas abandonadas e são transformadas em centros de arte e que abrigam escritórios, estúdios, galerias e às vezes até mesmo auditórios destinados às artes cênicas.

Espaços primários – São os espaços nos quais a função primeira é de receber demonstrações artísticas e culturais assim como exposições artísticas, culturais ou do patrimônio. Os teatros, as galerias de arte, os museus e os arquivos são bons exemplos dos mesmos.

Espaços secundários – São os espaços nos quais a vocação primeira não é a de apresentar performances ou exposições artísticas, culturais ou do patrimônio, mas no entanto, onde o local é adaptado para um uso artístico ou patrimonial. Os estabelecimentos de ensino, as bibliotecas, os centros comunitários ou religiosos são bons exemplos desses casos.

Espaços habitação/ateliê – Remetem geralmente às instalações habitadas por artistas durante as horas de trabalho e de lazer. Os espaços habitação/ateliê (são geralmente apartamentos ou estúdios) comportam o equipamento de base do artista e que é necessário para a prática artística, qualquer que seja ela, assim como um alojamento.

Espaços de exposição – São os locais abertos ao público para permitir a este de usufruir da experiência da prática ou do produto artística. Esse tipo de espaço pode comportar um hall de entrada e um auditório, tal como se encontra num teatro ou numa sala de concerto, as galerias de um museu, assim como as galerias de arte e de profissões.

Os espaços de trabalho próprios ao domínio das artes e da cultura são aqueles onde a fabricação artística (a criação), a guarda ou a preservação, a pesquisa e a interpretação do patrimônio têm lugar. É freqüente que esses espaços sejam dotados de ferramentas, de instalações de hidráulica, de um sistema de ventilação e de controle da temperatura concebidos especificamente para a utilização prevista. Os estúdios de trabalho (tal como os estúdios de modelagem em

106
argila equipados de tornos e de fornos de ceramistas); os ateliês de marcenaria e de decoração; as salas de ensaios e os estudos de dança; as salas de depósito das vestimentas, dos cenários e dos acessórios, nos teatros; assim como os vãos de depósitos equipados de sistemas de controle da temperatura instalados nos museus e nas galerias, são bons exemplos disso.

Este item foi apresentado para demonstrar a variedade de conceitos e de classificação, mas no texto será mantida a expressão **Equipamentos de Lazer**, de uso corrente no meio técnico.